XUXA
APRESENTA

Conte outra vez

AS MAIS BELAS HISTÓRIAS INFANTIS DE TODOS OS TEMPOS

BRANCA DE NEVE
A GUARDADORA DE GANSOS

EDITORA GLOBO

XUXA
APRESENTA

Conte outra vez

EDITORA GLOBO

XUXA
APRESENTA

Conte outra vez

BRANCA DE NEVE
pág. 1

A história que você vai conhecer agora tem coisas que quem lê nunca mais esquece. Tem, por exemplo, os Sete Anões, cada um com uma mania, um jeito diferente, sempre tentando ajudar Branca de Neve. Nesta história você vai ver também como a vaidade pode causar problemas. Principalmente quando uma mulher má quer ser a mais bonita do mundo, e tem em casa um espelho mágico que sabe de tudo. E essa mulher fica furiosa quando o espelho lhe diz que ela é bonita, mas que Branca de Neve é mais bonita ainda. A sorte de Branca de Neve é que ela tinha muitos amigos.

A GUARDADORA DE GANSOS
pág. 25

Casar com alguém que a gente não conhece direito pode ser muito complicado. Foi o que descobriu um príncipe que esperava sua noiva, que deveria ser uma linda princesa. Mas ele acabou encontrando uma outra pessoa, falsa e muito esperta, que havia tomado o lugar da princesa. Enquanto isso, a verdadeira princesa era obrigada a cuidar dos gansos. Ela era muito inocente e estava com medo de contar a verdade. Foi preciso que o rei percebesse o engano, depois de ver todas as qualidades daquela guardadora de gansos. Pode até demorar, mas uma mentira sempre acaba sendo desmascarada.

EDITORA GLOBO

CONTE OUTRA VEZ — As Mais Belas Histórias Infantis de Todos os Tempos é uma edição extraída da obra **Era Uma Vez...**

Copyright © Gruppo Editoriale Fabbri S.p.A. (1966, 1988), Milano.
Copyright © Editora Globo S.A. (1988, 1991) para a língua portuguesa.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em computador ou transmitida de qualquer forma e por quaisquer meios, eletrônicos, mecânicos, por fotocópia, gravação ou outros, sem a permissão expressa e escrita do titular dos direitos autorais.

Editora Globo S.A.
Rua do Curtume, 665, CEP 05065, São Paulo - Telex (011) 54071, SP, Brasil.

Distribuidor exclusivo para as bancas em todo o território nacional:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
Rua Teodoro da Silva, 907, CEP 20563, Rio de Janeiro, RJ.

IMPRESSÃO MARPRINT.

ISBN 85-250-0907-5 (obra completa)
ISBN 85-250-0908-3 (volume 1)

Branca de Neve

Ilustração: Pikka

Num dia muito frio, uma bela rainha estava sentada perto da janela, bordando um lençol de nenê. Sem querer, ela espetou o dedo na agulha e caíram três gotas de sangue. Então a rainha olhou para fora e fez um pedido:

— Quero ter uma filha de pele branca como a neve que está caindo, cabelos pretos como a madeira desta janela e boca vermelha como o sangue que saiu do meu dedo.

Alguns meses depois, a rainha deu à luz uma menina do jeitinho que tinha pedido. E resolveu chamá-la de Branca de Neve. Dia e noite ela ficava do lado da filha, cuidando dela com muito amor e carinho.

Mas a rainha morreu antes de criar
a filha como queria.
O rei chorou durante meses, até que
conheceu uma princesa lindíssima
e casou com ela. A princesa só
tinha mesmo beleza, porque
o resto nela era vaidade, orgulho
e malvadeza. O dia todo ficava
na frente do espelho, perguntando:

— Espelho, espelho meu, existe no
mundo mulher mais bonita que eu?

E o espelho, que era mágico, dizia:

— Não, rainha, você é a mais linda.

Enquanto a rainha conversava com o espelho, Branca de Neve crescia bonita como ela só.
E quando fez sete anos era de uma formosura que não tinha igual no planeta inteiro.
Tanto assim que um dia a rainha ouviu do espelho uma resposta que não esperava:

— Sim, existe outra muito mais bonita que você.

— E quem é essa atrevida? — perguntou ela, verde de raiva.

O espelho não queria dizer, mas, vendo que se não dissesse ia levar uns bons murros, achou melhor responder de uma vez:

— É Branca de Neve...

Mal o espelho acabou de falar, a rainha chamou o caçador do palácio e disse:

— Leve Branca de Neve para a floresta e acabe com ela.

— M... mas... eu... — gaguejou ele.

— Vá, ou corto a sua cabeça — gritou a rainha. — E traga o coração dela para provar que a matou.

O caçador não teve jeito de escapar. Quando o rei saiu, ele chamou a menina para passear na floresta.

Mas, ao chegarem na floresta, o caçador disse:

— Fuja, Branca de Neve, fuja! Sua madrasta quer matar você. Eu vou levar o coração de uma gazela para a rainha e dizer que é o seu.

Branca de Neve nem ouviu o resto da conversa.
Saiu correndo, sem saber para onde ir.

Dois coelhinhos que costumavam comer cenouras no jardim do palácio viram a menina tão apavorada que resolveram ajudá-la:

— Venha, vamos levar você para a casa dos sete anões — disseram. — São sete irmãos do seu tamanho que moram perto daqui.

Branca de Neve conhecia os coelhinhos e não teve medo de ir com eles até a casa dos anões.

— Eles ainda não voltaram do trabalho — avisou um coelhinho. — Mas você pode entrar.

— Será que eles não vão achar ruim? — perguntou Branca de Neve, preocupada.

— Que nada... — garantiu o outro coelhinho.

Então a menina entrou e viu que a mesa do jantar estava pronta. Morrendo de fome, ela comeu um pouco de cada prato. Depois, deitou numa das caminhas e dormiu como uma pedra.

Naquela hora, os sete anões voltaram. Eles passavam o dia cavando para encontrar pedras preciosas. Por isso carregavam pás, picaretas e uma lanterna que servia para iluminar a mina escura.

Assim que abriram a porta, os anões tiveram a maior surpresa.

— Quem será? — perguntou o menorzinho, apontando para a menina.

— Psiu, silêncio! Ela está quase acordando — disse o mais velho.

Bem quietinhos, eles esperaram Branca de Neve despertar. Logo que abriu os olhos, ela se sentou na cama e exclamou:

— Ah! Vocês são os sete anões...

— E você quem é? — perguntou o magricela.

— Eu sou Branca de Neve — respondeu ela. — Posso ficar aqui?

Os anões acharam meio esquisito uma menina bonita e bem-vestida como ela querer morar com eles. Então o mais velho perguntou:

— Por que você quer ficar com a gente?

Branca de Neve contou a sua história. E eles ficaram com pena dela.

— Eu acho que ela pode ser útil — disse o magricela.

— Útil como, ora essa? — resmungou o rabugento. — Para que é que nós precisamos de uma menina?

— Para lavar a nossa roupa... — sugeriu o menorzinho.

— ...Cozinhar a nossa comida... — continuou um outro, que tinha cara de ser meio preguiçoso.

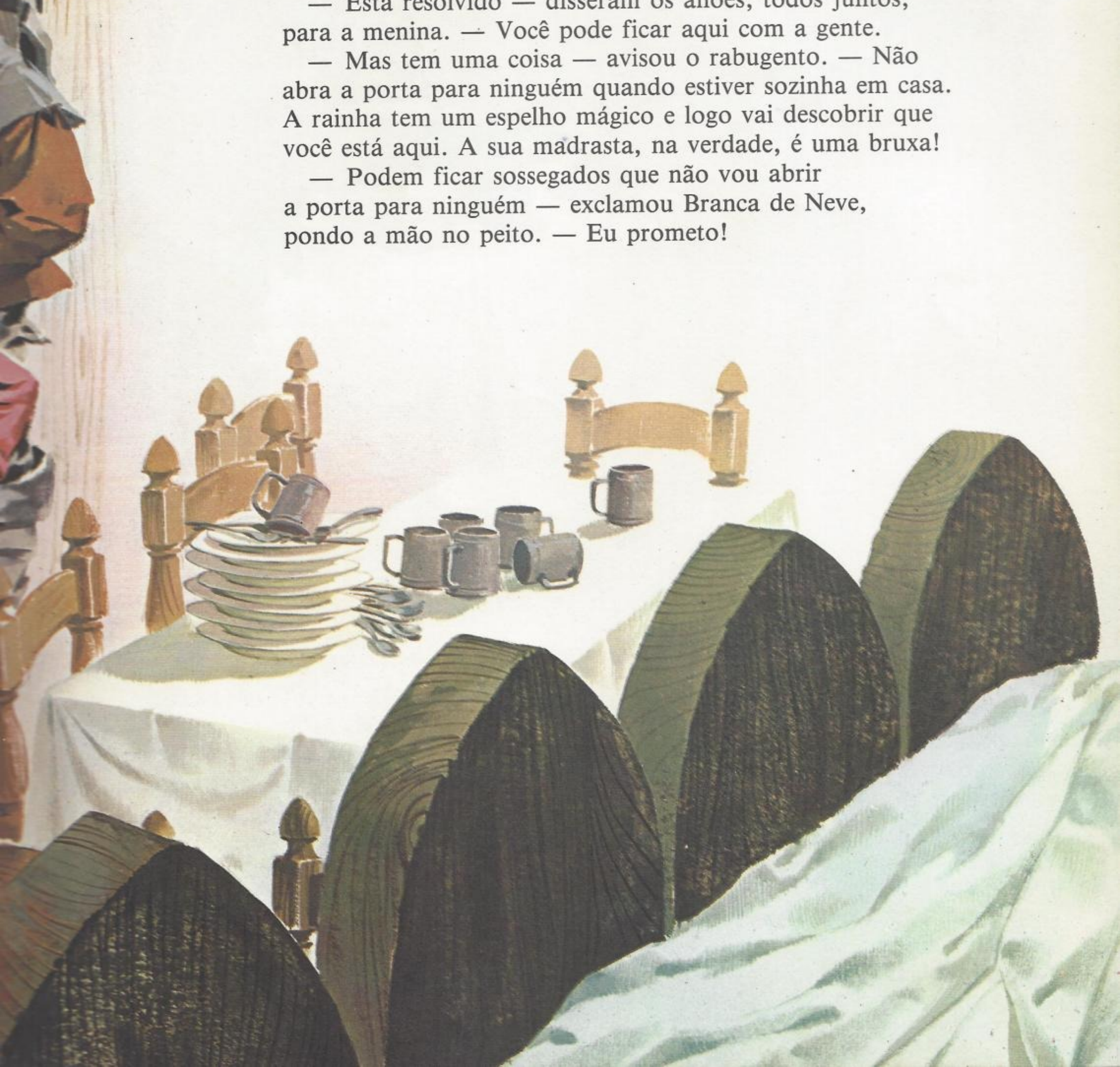
— ...Arrumar a nossa casa — completou o mais velho.

Todo mundo ficou quieto, coçando a barba, pensando bem antes de tomar qualquer decisão.

— Está resolvido — disseram os anões, todos juntos, para a menina. — Você pode ficar aqui com a gente.

— Mas tem uma coisa — avisou o rabugento. — Não abra a porta para ninguém quando estiver sozinha em casa. A rainha tem um espelho mágico e logo vai descobrir que você está aqui. A sua madrasta, na verdade, é uma bruxa!

— Podem ficar sossegados que não vou abrir a porta para ninguém — exclamou Branca de Neve, pondo a mão no peito. — Eu prometo!



Nos primeiros dias que ficou na casa da floresta, Branca de Neve precisava perguntar para os anões uma porção de coisas: como é que acendia o fogo, como fazia a comida, como lavava a roupa...
Mas logo ela aprendeu tudo tão bem que a casa vivia limpa e arrumadinha que só vendo!
E os anões comiam com um apetite de leão.

— Hummm... Esta sopa está uma delícia. Quero mais um pouco — sempre pedia um deles.

Enquanto Branca de Neve vivia com os anões, a rainha continuava perguntando:

— Espelho, espelho meu, existe no mundo mulher mais bonita que eu?

O espelho tossia, fingia que tinha engasgado, fazia de tudo para não falar. Mas um dia, ameaçado de virar cacos, ele respondeu:

— Existe... Branca de Neve.

A rainha ficou uma fera e foi falar com um corvo que ela criava:

— O caçador não matou Branca de Neve. Me desobedeceu. Vá descobrir onde ela está e volte logo.

O corvo saiu voando e dali a pouco veio informar:

— A menina está morando na casa dos sete anões.

A rainha começou a andar de um lado para outro, pensando no que poderia fazer para se livrar de Branca de Neve.

— Já sei! — disse ela, de repente. — Vou me disfarçar de vendedora e matar aquela pestinha com minhas próprias mãos.

No dia seguinte, uma velha bateu na porta de Branca de Neve. A menina atendeu pela janela:

— O que a senhora deseja?

A velha mostrou uns cintos coloridos e perguntou:

— Quer comprar um?

A vendedora parecia tão bondosa e cansada que Branca de Neve não viu mal nenhum em deixá-la entrar.

— Sente-se um pouco enquanto eu vejo os cintos — disse a menina, abrindo a porta.

Em vez de entrar, a velha foi logo perguntando:

— Quer que eu ajude você a experimentar?

— Se a senhora puder me fazer esse favor...

Mais que depressa, a vendedora colocou o cinto na menina e apertou tanto que a coitadinha desmaiou. Então a mulher fugiu, contente, pensando que tinha matado Branca de Neve.

Quando os anões chegaram, fizeram massagens nos pulsos da menina, deram alho para ela cheirar, abanaram... E nada. Até que o magricela viu o cinto apertado e cortou-o com uma faca. Aí Branca de Neve abriu os olhos e falou, muito fraquinha:

— Uma senhora veio aqui... vender uns cintos...

— Uma senhora... — resmungou o rabugento. — Só pode ter sido aquela sua madrasta feiticeira.

— Ele tem razão — disse o mais velho. — Você se arriscou muito. Não abra a porta para mais ninguém!

Logo que chegou ao palácio, a rainha se livrou daquele disfarce de boa velhinha. Em seguida, foi correndo perguntar para o espelho:

— E agora? Ainda existe no mundo alguma mulher mais bonita que eu?

Outra vez o espelho começou a tossir e a fingir que não conseguia falar. Mas a rainha já conhecia o truque e não se deixou enganar:

— Quer dizer que existe! Ela não morreu?

— Não, Majestade. Branca de Neve não morreu — respondeu o espelho. E acrescentou bem baixinho: — E é muito mais bonita que você...

— Depois eu cuido de você, seu espelho atrevido — ameaçou a rainha. — Agora vou inventar uma arma mais forte que aquele cinto.

Ela saiu pisando duro e colocou outro disfarce. Depois foi para o porão do palácio, onde guardava um monte de vidros, todos cheios de pozinhos e líquidos mágicos. Misturou uma porção deles, ferveu, mexeu, virou e passou num pente.

Três dias depois, uma velha bateu na casa de Branca de Neve. E a menina achou que podia deixá-la entrar.

— Quer comprar este pente? — ofereceu a velha. — Seu cabelo vai ficar ainda mais bonito, porque ele é mágico.

Branca de Neve segurou o pente e caiu que nem morta.

Por sorte, os anões voltaram cedo. Ao ver a menina daquele jeito, tiraram o pente da mão dela mais que depressa. Então, Branca de Neve despertou.

A madrasta não se deu por vencida quando soube que os anões tinham salvado Branca de Neve. Ficou mais furiosa ainda e resolveu fazer um veneno infalível.

Para isso, achou melhor procurar a receita num livro de feitiçaria que tinha guardado no porão.

"Das outras vezes não consegui um bom resultado, mas agora não vou falhar", pensou ela.

Seguindo a receita com toda a atenção, ela preparou um veneno capaz de matar um batalhão. Depois envenenou a metade de uma maçã e saiu.

Branca de Neve estava na janela quando viu chegar uma mulher.

— Desculpe, eu não posso abrir a porta — foi logo avisando.

— Mas eu lhe trouxe esta maçã... Está tão deliciosa...

E, para provar o que dizia, a mulher mordeu a maçã na parte que não tinha veneno.

Branca de Neve não resistiu: abriu a porta e pegou a fruta. Mas, assim que deu a primeira dentada, caiu desmaiada.

Desta vez os anões não conseguiram salvar Branca de Neve. Muito tristes, eles fizeram um caixão de diamante, puseram a menina dentro e colocaram o caixão em cima da pedra dos sonhos. E todo dia os sete coitados iam lá chorar pela amiguinha.

Os anos se passaram
e Branca de Neve
continuou dormindo
no caixão de
diamante.

Um dia, um príncipe
que estava cavalgando
por ali viu a moça.
Achou-a tão linda que
permaneceu horas e
horas a observá-la.
Acabou se apaixonando.
Percebeu então que
não conseguiria mais
viver longe daquela
bela garota e
decidiu pedir ajuda
para levá-la ao
palácio onde
ele morava.

O príncipe chamou quatro rapazes e mandou que eles carregassem o caixão com todo o cuidado.
Mas os anões chegaram e foram logo reclamando:

— Ei, vocês não podem levar a nossa amiga embora.

— Por favor, me deixem levar — pediu o príncipe. — Ela vai ficar bem guardada no palácio. Eu prometo que vocês podem ir vê-la sempre que quiserem.

— Se é assim, nós concordamos — responderam eles.

Os rapazes começaram a carregar o caixão. Mas não tinham dado nem três passos quando o que ia na frente tropeçou numa raiz. O de trás caiu por cima dele, e lá se foi o caixão para o chão.

Na queda, o pedaço da maçã que estava na boca de Branca de Neve pulou fora. Então, ela acordou e os anões abriram o caixão.

O príncipe abriu os braços para Branca de Neve.

— Faz tempo que gosto de você — disse ele. — Quer casar comigo?

Branca de Neve também se apaixonou à primeira vista.

— Quero, sim — respondeu ela.

A notícia do casamento não demorou muito tempo para chegar até os ouvidos da rainha.

Ela foi correndo perguntar para o espelho mágico quem era a futura princesa:

— Diga logo, espelho meu: essa moça é mais bela do que eu?

Desta vez o espelho respondeu sem hesitar:

— Sim, querida rainha. A moça é Branca de Neve e continua sendo mais bonita que você.

Primeiro a rainha ficou com tanta raiva que começou a esmurrar o espelho. Mas, depois que cansou de bater nele, caiu no chão e ficou reclamando da vida. E está assim até hoje.

A guardadora de gansos

Ilustração: Una

Era uma vez uma princesa
linda e bondosa chamada Carina.
A vida inteira ela viveu junto da
mãe. Mas, quando fez dezoito anos,
ficou noiva do filho do rei de um
país distante e precisou partir.

No dia da partida, a rainha, mãe de Carina, levantou bem cedo e foi acordar a dama de companhia da princesa, uma moça chamada Maléfica. No momento da partida, os criados trouxeram dois cavalos: um para a dama e outro para a princesa, de nome Falante.

— Estou pronto para servi-la — disse.

É isso mesmo, Falante era um cavalo mágico, muito inteligente e sabia até falar. Carina ficou contente ao saber que o animal a acompanharia na viagem.

Enquanto isso, a rainha tirou um lenço da manga e um broche da gola. Furou o dedo no fecho do broche e deixou três gotas de sangue caírem no lenço.

Quando a filha estava pronta, a rainha entregou o lenço para ela e disse:

— Guarde bem isto, que pode ser muito útil.

Então, a rainha mandou a filha partir imediatamente, acompanhada pela dama Maléfica.

As duas moças foram embora pela
comprida estrada da floresta.
Depois de algumas horas de viagem,
a princesa sentiu muita sede e
pediu para a dama de companhia:

— Maléfica, por favor, será que
você poderia pegar um pouco de água
para mim naquela fonte ali?

A outra se virou para trás
e respondeu com maus modos:

— Não sou sua escrava! Se
você está com sede, vá beber
com as suas próprias mãos.

Carina estranhou muito aquela
resposta, pois no palácio a dama
sempre a tratou com respeito.
Mas achou melhor não discutir.
Em silêncio, desceu do cavalo e
foi beber na fonte cristalina.

Quando a moça se abaixou para tomar água, as três gotas de sangue que estavam no lenço disseram:

— Ah, Carina, se a sua mãe visse isso!

A princesa olhou para os lados, mas não viu ninguém. Então, perguntou:

— Quem falou comigo?

— Fomos nós — disseram as gotas. — Nós somos mágicas. Por isso, não nos perca. Senão, você fica mais fraca que Maléfica. E aí não podemos mais ajudar você, como a rainha tanto pediu.

Carina guardou o lenço com cuidado, preso na cintura. Depois, tomou água e enxugou o suor de Falante. Seguiram viagem. Maléfica ficava cada vez mais insolente. Horas depois, Carina teve sede de novo.

— Mas o que foi que você comeu para ter tanta sede? — perguntou a dama, malcriada como nunca tinha sido.

— É por causa da poeira da estrada — disse Carina.

— E como é que eu não tenho sede? — resmungou Maléfica. — Olhe, ali tem um riacho. Vá lá beber.

Mais uma vez, a princesa estranhou os maus modos, mas não disse nada. Desceu do cavalo, andou até o riacho e se inclinou sobre a água.

— Cuidado! — gritaram as três gotas. — Assim você vai deixar a gente cair na água!

O aviso chegou tarde demais. Quando a moça percebeu, o lenço já estava sendo levado pela correnteza do riacho.

— Adeus, Carina! — ainda gritaram as três gotas. — Coitada de você!

Maléfica percebeu tudo e tratou de tirar proveito da situação. Começou por obrigar Carina a trocar de roupa e de cavalo com ela.
E depois exigiu:

— Jure que não vai contar nada disso pra nenhuma pessoa!

— Eu juro — disse a princesa, com muito medo da dama.

As duas moças continuaram a longa viagem.
Dias depois, chegaram ao palácio real. Nem bem
atravessou os portões, Maléfica mandou
chamar o príncipe, noivo de Carina.

— Eu sou a princesa — mentiu ela. — E aquela ali é a minha dama de companhia, uma moça muito malcriada. Quero que ela faça o pior serviço que houver por aqui.

O príncipe olhou para a verdadeira Carina e pensou:

"Incrível! Como é que uma moça tão linda e suave pode fazer malcriação a quem quer que seja?"

Maléfica pareceu ter lido esse pensamento, pois disse:

— Ela tem um jeito muito delicado, mas é uma peste. Quero que você me livre da presença dela agora mesmo.

O moço suspirou, achando que a noiva é que devia ser uma peste, mas tratou de fazer a vontade de Maléfica. Mandou a princesa de verdade tomar conta dos gansos no campo, junto com Conrado, um menino muito engraçado.

Com Carina fora do palácio,
só havia uma criatura que
podia atrapalhar os planos
de Maléfica. Era Falante,
o cavalo da princesa. Ele
não só era inteligente,
como sabia falar tão bem
quanto qualquer pessoa.
Falante vira a trapaça e
com certeza contaria
tudo assim que a dama
virasse as costas. Maléfica
não podia ficar vigiando o
animal dia e noite. Por isso,
falou para o príncipe:

— Tem outra coisa que eu quero pedir pra você.

— É só dizer, meu bem.

— Mande matar o meu cavalo. Ele não serve pra mais nada. Se você soubesse quantas vezes ele empacou na estrada!

O rapaz olhou para Falante.

"Por que matar um animal tão bonito e forte?", pensou.

Mas atendeu ao pedido da noiva e mandou um servo cortar a cabeça do cavalo.

Quando viu o que o servo ia fazer,
Carina tentou de todo jeito
salvar o animal. Mas não conseguiu.
Então, pediu para o homem
colocar a cabeça de Falante no arco
por onde ela passava todos os dias.

— Assim, pelo menos, eu posso
olhar para ele — disse a princesa.

O carrasco achou aquilo bastante
esquisito, mas não viu mal nenhum
em fazer o que a moça pedia.

No dia seguinte, Carina parou
perto do arco e suspirou:

— Ah, meu querido Falante! Que
destino mais triste você teve...

E o cavalo respondeu:

— Você também, minha princesa...

Quem é que ia imaginar tudo isso?

Conrado vinha logo atrás
e escutou a conversa. Mas a moça
não percebeu nada, e foi embora
para o campo, levando os gansos.

Em todo o caminho para o campo, a princesa chorou de pena do cavalo. Quando chegou lá, enxugou as lágrimas, soltou os gansos e começou a pentear o cabelo dourado.

Nisso, Conrado se aproximou, pé ante pé, por trás da moça. E, só por travessura, começou a puxar o cabelo dela.

Carina estava triste demais
para brincar, e pediu:

— Por favor, pare com isso.

Mas o garoto não deu ouvidos.

Então, a princesa pediu de novo:

— Conrado, pare...

E de nada adiantou.

— Olhe, se você não parar já com isso, vou fazer o vento carregar o seu chapéu por esse campo todo — ameaçou ela.

— Ha! ha! — riu o menino. — Isso eu quero ver...

A moça não respondeu nada. Só respirou fundo e disse:

— Vento, ventinho, sopre aqui pertinho e leve pra bem longe o chapéu do Conradinho...

Na mesma hora, o chapéu do garoto saiu voando pelos ares.
E lá se foi o menino correndo atrás dele, sem conseguir pegar.

Os gansos que estavam perto de Carina riram até não poder mais.
E mesmo a princesa, apesar de toda a pena que sentia, acabou se divertindo muito com a brincadeira.

Quando o garoto finalmente pôs a mão no chapéu, estava com a língua de fora e danado da vida com a peça que a moça tinha pregado.

— Isso não fica assim, não — disse ele. — Você vai me pagar...

Naquele mesmo dia, Conrado foi até o palácio
e disse para o guarda que estava na porta:

— Eu preciso muito falar com o rei.

— Imagine se o rei vai receber um moleque como
você... — respondeu o homem. — Vá embora.

— Mas eu tenho uma coisa muito importante pra contar.
Por favor, seu guarda, eu preciso entrar.

Tanto o menino pediu que acabou conseguindo.

Dali a pouco, estava na frente do rei.

— Majestade, aquela moça que guarda os gansos
junto comigo é uma bruxa — disse o garoto.

— Uma bruxa!? — repetiu o rei, espantado.

— É, sim, senhor. Hoje mesmo, ela conversou
com um cavalo morto e fez o meu chapéu voar.

O rei não acreditou muito na história. E resolveu
ir até o campo, para ver tudo com os próprios olhos.

Na manhã seguinte, foi para perto do arco e se escondeu atrás de umas moitas. Logo depois, Carina chegou e disse para a cabeça do cavalo:

— Bom dia, Falante, meu querido. Ah, eu não me conformo com a sua morte!

— Bom dia, princesa — respondeu a cabeça. — Eu é que não me conformo com a sua desgraça...

Depois, ela passou pelo arco e foi para o campo.

Curioso, o rei saiu de trás das moitas e ficou espiando. Então, viu Conrado puxar de novo o cabelo da moça. E ouviu quando ela mandou o vento levar o chapéu do menino.

Muito intrigado com aquilo tudo, o rei voltou para o palácio. Depois, mandou um criado chamar Carina. Ela entrou, bem à vontade, e fez uma reverência tão graciosa que o rei ficou ainda mais espantado:

"Como é que uma simples guardadora de gansos pode ter esses modos refinados? A princesa que vai casar com meu filho não chega nem aos pés dela!"

— O senhor mandou me chamar? — perguntou a moça.

— Mandei — respondeu ele. — Eu sinto que você guarda um segredo. E queria que me dissesse o que é.

— Desculpe, majestade, mas eu jurei que não contaria nada sobre isso a nenhuma pessoa.

O rei ficou quieto, pensando, e depois disse:

— Então, eu vou embora e você conta para as paredes.

Assim que o rei saiu, Carina desabafou com as paredes:

— Ah, se vocês soubessem como eu tenho sofrido... A minha dama de companhia tomou o meu lugar e vai casar com o príncipe. E eu passo o dia inteiro no campo, guardando os gansos... Ah, que vida!

O rei estava atrás da cortina, escutando tudo. Quando Carina acabou de contar sua história, ele resmungou:

— Bem que eu desconfiava daquela impostora... Mas ela vai ter o castigo que merece!

Em seguida, entrou na sala de braços abertos.

— Então, você é a princesa Carina, a legítima noiva do meu filho? — disse ele. — Venha, me dê um abraço.

— Ai, eu quebrei o juramento! — lamentou a moça.

— Não quebrou, não. Você contou o segredo para as paredes. E eu escutei porque sou xereta...

A princesa pensou um pouco e achou que o rei tinha toda a razão. Então, riu e abraçou seu futuro sogro.

— Vamos mandar os criados fazerem uma montanha de doces para a festa do casamento — disse ele.

Antes de qualquer coisa, porém, o rei ordenou que Maléfica, a malvada dama de companhia, recebesse o castigo reservado aos traidores: a prisão, pelo resto da vida, numa cela escura.

Quem ficou contente mesmo foi o príncipe, quando descobriu que sua verdadeira noiva era a bela guardadora de gansos, e não aquela outra moça mandona e arrogante.

Ele e Carina se casaram no mesmo dia e deram uma festa que foi lembrada por muitos anos naquele reino.